

# O papel dos intelectuais no *Le Monde Diplomatique*<sup>1</sup>

## The role of intellectuals in *Le Monde Diplomatique*

Juliana Sayuri Ogassawara

Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

[j-sayuri@usp.br](mailto:j-sayuri@usp.br)

Recebido em: 02/12/2015

Aprovado em: 10/01/2016

**RESUMO:** Este artigo pretende expor uma análise sobre o papel dos intelectuais segundo a visão dos intelectuais imbricados nas edições latino-americanas e na edição francesa do periódico internacional *Le Monde Diplomatique*. Fundado em maio de 1954, em Paris, *Le Monde Diplomatique* viu suas páginas e suas ideias se alastrarem mundo afora – em 2013, o magazine tinha 47 edições internacionais. Ao longo de sua trajetória, principalmente nas passagens do jornalista francês Claude Julien (entre 1973 e 1990) e do sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (entre 1990 e 2008) como diretores, *Le Monde Diplomatique* teve sua linha editorial marcada por diretrizes politizadas, declaradamente antiimperialistas e antineoliberais. O artigo foca a versão publicada em Buenos Aires, considerada a principal edição latino-americana, fundada por iniciativa do argentino Carlos Gabetta, diretor de *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* entre 1999 e 2011.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Le Monde Diplomatique*; Imprensa; Intelectuais.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the role of intellectuals according to the perspective of intellectuals inside the Latin American and French editions of the international magazine *Le Monde Diplomatique*. Founded in May 1954, in Paris, *Le Monde Diplomatique* had its pages and its ideas spread world wide – in 2013, the magazine had 47 international editions. Through its history, especially with the French journalist Claude Julien (between 1973 and 1990) and the Spanish sociologist Ignacio Ramonet (between 1990 and 2008) as directors, *Le Monde Diplomatique* had its editorial line marked by political ideas, professedly against imperialism and neoliberalism. This article focused the edition published in Buenos Aires, considered the main Latin American edition, founded by the Argentinian journalist Carlos Gabetta, director of *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* between 1990 and 2011.

**KEYWORDS:** *Le Monde Diplomatique*; Press; Intellectuals.

### Introdução<sup>2</sup>

*Le Monde Diplomatique* é um periódico francês fundado em maio de 1954, no bojo do diário *Le Monde*. Pertence ao jornalista francês Hubert Beuve-Méry (1902-1989) a idealização

<sup>1</sup> Nota: este artigo corresponde a uma investigação de doutorado desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Uma versão similar deste artigo foi apresentada no XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH), realizado entre 27 e 31 de julho de 2015 na cidade de Florianópolis.

tanto de *Le Monde* quanto de *Le Monde Diplomatique*,<sup>3</sup> este último idealizado inicialmente como simples suplemento diplomático, buscando abrigar a efervescente política internacional que já transbordava das páginas do diário no pós-guerra, com a consolidação das Nações Unidas (1945), a Guerra da Coreia (1950-1953), a morte de Stalin (1953), a Guerra da Indochina (1946-1954), a ascensão de Mao (1954-1959), a trilha de Fidel (1959), entre outros acontecimentos que marcaram a época. Assim, *Le Monde Diplomatique* estreou com o subtítulo *Journal des Cercles Consulaires et Diplomatiques*, destinando-se ao universo diplomático das embaixadas e da elite econômica, com apenas oito páginas, periodicidade mensal e tiragem de 4 a 5 mil exemplares.

*Le Monde Diplomatique* conquistou independência editorial a partir da década de 1970, sob a direção do jornalista francês Claude Julien, que lapidou a legitimidade intelectual do magazine, estreitando laços com as arenas acadêmicas. Depois, *Le Monde Diplomatique* conquistou independência econômica (diante do *Monde*) a partir de 1990 e consolidou diretrizes políticas declaradamente antiimperialistas e antineoliberais, impulsionadas pela direção do sociólogo espanhol Ignacio Ramonet e, na esteira do movimento altermundialista<sup>4</sup>, viu suas ideias críticas contra o “pensamento único” se alastrarem mundo afora. Às vésperas de seu 60º aniversário, o periódico contava mais de 40 edições internacionais, publicadas em 28 idiomas.<sup>5</sup> Na América Latina, *Le Monde Diplomatique* encontrou terreno fértil na Argentina, onde floresceu graças à

---

<sup>3</sup> Neste artigo, assim como na dissertação de mestrado e na tese de doutorado desenvolvidas pela autora na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), *Le Monde Diplomatique* encontra referência nas expressões “revista”, “publicação”, “periódico”, “magazine” ou “gazeta” por duas razões. Primeiro, para evitar a referência a *Le Monde Diplomatique* como um “jornal”, a fim de contornar possíveis confusões com o diário *Le Monde*, que é *passim* mencionado para narrar a trajetória, até certo ponto cruzada, das duas publicações. Segundo, a periodicidade mensal, o estilo e a linha editorial diferenciada, mais dedicada à análise e menos à “notícia”, afastam *Le Monde Diplomatique* do perfil de um jornal nos moldes convencionais da imprensa. Não obstante, há mínimas vezes em que a publicação é citada, por outrem, como um jornal. Além disso, para diferenciar as edições francesa e argentina (que muitas vezes são citadas lado a lado, o que pode confundir o leitor), privilegiei *Le Monde Diplomatique* para me referir à francesa e *El Dìpló* para a argentina. A fim de uniformizar ainda as diferentes grafias, vale dizer que foram privilegiadas as iniciais maiúsculas para grafar *Le Monde Diplomatique*.

<sup>4</sup> O movimento altermundialista se contrapõe ao capitalismo neoliberal, consolidando-se nas manifestações durante as reuniões internacionais das principais instituições financeiras, como nos protestos de Seattle em novembro de 1999. Trata-se de um movimento contra a globalização marcadamente neoliberal, tendo como auge a realização do primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2001. Ancorada no lema “outro mundo é possível”, a expressão “altermundialismo” (do francês *altermondialisme*) foi idealizada a partir do movimento ATTAC, vinculado ao *Le Monde Diplomatique* francês.

<sup>5</sup> *Le Monde Diplomatique* foi difundido na América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Venezuela), na Ásia (Coreia do Sul, Índia, Japão), na Europa (Alemanha, Armênia, Bulgária, Bielorrússia, Croácia, Espanha, Eslováquia, Eslovênia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Itália, Luxemburgo, Noruega, Polônia, Portugal, República Tcheca, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia) e no Oriente Médio (Arábia Saudita, Curdistão, Dubai, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Kuwait, Palestina) em diferentes momentos ao longo de sua trajetória. Além do francês, do inglês e do espanhol, foi traduzido para idiomas mais “distantes”, como curdo sorâni, curdo kurmandji, esperanto, farsi e finlandês, entre outros. É difícil precisar o número de edições internacionais, pois a rede é muito fluida e às vezes frágil, assim muitas versões são repentinamente encerradas. Em novembro de 2006, o periódico atingiu a marca de 65 edições internacionais, em 25 idiomas além do francês. Segundo informações oficiais do *Monde Diplomatique*, atualizadas em fevereiro de 2013, eram 47 edições, entre versões impressas e estritamente eletrônicas.

insistente iniciativa do jornalista argentino Carlos Gabetta, diretor da publicação entre 1999 e 2011. Sob o selo da editora Capital Intelectual, a edição argentina é considerada a “filial” latino-americana mais sólida de *Le Monde Diplomatique*, uma vez centro de traduções para o espanhol e epicentro para outras edições latino-americanas, outrora reunidas como *Edición Cono Sur*.<sup>6</sup>

Desde 1954, quatro intelectuais passaram pela direção de *Le Monde Diplomatique*: entre 1954 e 1972, o diplomata húngaro François Honti (1900-1974); entre 1973 e 1990, o jornalista francês Claude Julien (1925-2005); entre 1990 e 2008, o sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (1943-); e desde 2008 até o presente, o escritor francês Serge Halimi (1955-). Delineou-se assim a linha editorial da publicação, que oscila entre uma revista de atualidades e uma *revue* acadêmica, com artigos e ensaios longos, marcados por muitas notas, cronologias, dossiês, glossários, índices e referências bibliográficas. Nas suas páginas escreveram importantes intelectuais contemporâneos, de diversas áreas do conhecimento e diferentes nacionalidades, tais como Doris Lessing (1919-2013), Edward Said (1935-2003), Eric Hobsbawm (1917-2012), Pierre Bourdieu (1930-2002), Tony Judt (1948-2010), entre muitos outros. O magazine, assim, almeja oferecer uma visão alternativa e crítica dos acontecimentos atuais. Um “outro olhar” ou, na expressão que ficou famosa entre os editores franceses, uma *manière de voir*.

Aos olhos de seus intelectuais e de seus leitores, *Le Monde Diplomatique* conquistou prestígio internacional principalmente por três motivos: o viés analítico de suas edições; a relevância de seus autores, tanto jornalistas “da casa” quanto intelectuais convidados, versando sobre temas de interesse internacional; e a crítica aos dilemas contemporâneos na intrincada globalização neoliberal, questionando os rumos das esquerdas e o compromisso dos intelectuais na política – no afã marxista marcado na máxima das *Teses de Feuerbach*: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; a questão, porém, é transformá-lo”, como lembrou o historiador britânico Eric Hobsbawm nas próprias páginas de *Le Monde Diplomatique*.<sup>7</sup> Bem-vinda, neste ponto, é a questão: quem seriam os tais intelectuais? E qual é seu papel?

---

<sup>6</sup> Inicialmente voltada para Argentina, Chile e Uruguai, noutros momentos a edição foi distribuída na Bolívia, na Colômbia, no Peru, no México e na Venezuela. Além da estrutura administrativa mais consolidada desde 1999, a edição argentina de *Le Monde Diplomatique* é responsável por traduzir os artigos franceses para o espanhol, disponibilizando-os para as outras edições latino-americanas. Atualmente, diz o site oficial francês, há edições presentes na Bolívia (editada pela Archipelago Ediciones, com 5 mil exemplares), no Chile (Editorial Aun Creemos en los Sueños, com 10 mil exemplares), na Colômbia (Colombia Tebeo, com 10 mil exemplares) e na Venezuela (Producciones del Waraima, com 5 mil exemplares). Atualmente na casa dos 30 mil exemplares impressos, a edição argentina também é distribuída nas principais cidades do Uruguai. No Brasil, a versão impressa *Le Monde Diplomatique Brasil* estreou em agosto de 2007 (Instituto Pólis, com 40 mil exemplares), atualmente dirigida pelo sociólogo Silvio Caccia Bava, mas a edição eletrônica foi ao ar em dezembro de 1999, por iniciativa do jornalista Antonio Martins.

<sup>7</sup> HOBBSAWM, Eric. “Le pari de la raison: manifeste pour l’histoire”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dez. 2004, p. 20-21.

## Tais intelectuais

Nestas páginas, é essencial discutir as definições de “intelectuais”, considerando a prolífica e profusa bibliografia nesse campo. Outrora célebres maestros das ideias ilhados em retóricas abstratas nas suas ilustres torres de marfim, noutros momentos já intrinsecamente imersos nas questões da política, da sociedade e, sobretudo, do tempo a que *pertencem*, os intelectuais assumiram diferentes papéis ao longo da história. A discussão a respeito da própria história dos intelectuais é um fenômeno relativamente novo, adquirindo reconhecimento catapultado por questões políticas relevantes, como ilustra o *affaire* Dreyfus, escândalo político na França de fins do século XIX.

Inocente, o oficial judeu Alfred Dreyfus (1859-1935) foi acusado de traição e condenado como espião alemão na artilharia francesa em 1894. Uma vez descoberto o equívoco, a armada francesa ainda tentaria ocultar o erro judicial. Entretanto, e apesar de aclarada a inocência de Dreyfus, a sentença permaneceria no seu segundo julgamento. Foi o estopim para a indignação do escritor Émile Zola (1840-1902), que publicou no literário *L’Aurore* a famosa carta aberta “*J’accuse!*”, destinada ao presidente Félix Faure (1841-1899), no dia 13 de janeiro de 1898. No dia seguinte, pequenos protestos – posteriormente laureados como “*Manifeste des intellectuels*” – ocuparam as páginas de *L’Aurore*. O escritor Maurice Barrès (1862-1923) respondeu à carta de Zola nas páginas de *Le Journal*, criticando a reivindicação de tais “intelectuais”.<sup>8</sup> Nesse episódio, os que defendiam Dreyfus ficaram conhecidos como *dreyfusards* (esquerda progressista), designados pelos *antidreyfusards* (direita conservadora) mui pejorativamente como “intelectuais”.

Revisando o *affaire* Dreyfus, os historiadores franceses Pascal Ory e Jean-François Sirinelli consideram as circunstâncias marcantes de um primeiro critério rigoroso para se definir os intelectuais que, na verdade, não se definem pelo que *são*, um status ou um ofício, mas pelo que *fazem*, isto é, suas intervenções manifestadas no terreno da política.<sup>9</sup> Em outras palavras, não seriam apenas os homens pensantes, mas os homens manifestantes de um pensamento. Logo, seriam homens – e mulheres, adiciono – do universo cultural, enquanto produtores ou mediadores, *mis en situation* como homens e mulheres no campo do político, enquanto produtores e consumidores de ideologias. Mas quem seriam esses artistas, *clerics*, doutos, doutores, eruditos, filósofos, homens e mulheres de ideias e de letras, humanistas, ideólogos, oráculos do presente,

---

<sup>8</sup> WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 10.

<sup>9</sup> ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: de l’affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2002, p. 13.

senhores da razão, trabalhadores do pensamento, essa iluminada *intelligentsia*? Quem seriam esses intelectuais?

Diferentes interpretações marcaram e marcam os papéis atribuídos aos intelectuais. O filósofo italiano Norberto Bobbio propõe um olhar sobre a dimensão política dos intelectuais na sua relação com o poder. Em outras palavras, a questão não é apenas quem *são* e o que *fazem* os intelectuais, mas o que *deveriam ser* e o que *deveriam fazer*.<sup>10</sup>

Na encruzilhada de distintas definições de “intelectuais”, duas arenas se destacam: o campo da cultura e o campo do poder. Cruzar tais campos de um lado a outro, flexibilizar suas linhas imaginárias ou fortificar suas distâncias provocou duelos teóricos e discussões dinâmicas ao longo do século XX. Dentro de tais arenas estariam em linhas marcadamente opostas os pensamentos de Julien Benda e Antonio Gramsci, depois Jean-Paul Sartre e Raymond Aron.

Antes de ser torná-la livro na década de 1940, Julian Benda (1867-1956) publicou a crítica *A traição dos intelectuais* nas edições da *Nouvelle Revue Française* entre agosto e novembro de 1927. Para Benda, seriam realmente intelectuais Montaigne e Montesquieu, Voltaire a favor de Calas, Zola a favor de Dreyfus. A tese do filósofo francês: intelectuais seriam reis-filósofos, clérigos puros de vocação “espiritual”, defensores desinteressados de valores universais e apenas de valores universais, reverberando a ideia: “Meu reino não é deste mundo”.<sup>11</sup> Assim trairiam os intelectuais ao mergulhar nas paixões políticas e no realismo mundano.

Antonio Gramsci (1891-1937) expressou, por sua vez, diferente posição ao propor nos seus *Cadernos do cárcere*, escritos entre 1929 e 1935: “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”.<sup>12</sup> Para Gramsci, há uma diferença sensível, porém, entre intelectual tradicional e intelectual *orgânico*. O tradicional seria sobretudo o humanista e o literato, que se quer independente das disputas pelo poder. Por outro lado, o marxista italiano vê o *orgânico* como, ao mesmo tempo, o técnico e o político, intimamente vinculado a classes a fim de organizar os interesses e conquistar o poder.

Apesar de suas diferenças, Benda e Gramsci se encontram ao propor a crítica e o esclarecimento como características próprias aos intelectuais. Ao proferir suas célebres conferências de Reith em Londres, em 1993, o pensador palestino Edward Said (1935-2003) partiu das visões de Benda e Gramsci para formular suas ideias. Para Said, o intelectual deveria

---

<sup>10</sup> BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 69.

<sup>11</sup> BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007, p. 144.

<sup>12</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 7.

articular um papel de perturbador do *status quo*, como um *outsider* capaz de manter independência diante das pressões do poder para manifestar suas críticas e suas posições. Deveria, aliás, se posicionar ao lado dos elos mais fracos das sociedades. Deveria *dizer* a verdade ao poder. Assim, o intelectual moderno seria um pensador autônomo, independente das diversas esferas de poder, um exilado e marginal, um amador e autor de uma mensagem (uma perspectiva, uma filosofia, uma atitude) por e para um público. Seu papel seria levantar questões delicadas e confrontar ortodoxias, norteado por princípios universais como os direitos à liberdade e à justiça – e violações de tais princípios deveriam ser corajosamente criticadas e combatidas.<sup>13</sup>

Impresso pela primeira vez em 1955, *O ópio dos intelectuais* de Raymond Aron (1905-1983) provocou, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), similar desconforto e desconcerto que as páginas de Julien Benda, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919): ambos acusam intelectuais por fragilidades, fugas e frustrações. Para Aron, a *intelligentsia* contemplaria cientistas e escritores, os produtores de ideias; professores e críticos, os peritos; e jornalistas, os difusores.<sup>14</sup> Num contexto ideológico muito polarizado, o livro de Aron critica especialmente intelectuais franceses como Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e autores das revistas *Esprit* e *Les temps modernes*, que seriam, na visão do sociólogo, marxistas-leninistas amarrados aos ditames soviéticos, afastando-se assim da perspectiva crítica esperada dos intelectuais.

Posicionamento radicalmente diferente ficou marcado no pensamento de Jean-Paul Sartre sobre o papel dos intelectuais, definido no *Que é a literatura?*, de 1948. Para Sartre, o dever do escritor implica se posicionar contra injustiças de toda ordem. Ao cumprir seu compromisso social, o escritor se tornaria um intelectual “engajado”, um pensador crítico, comprometido e independente, sendo responsável tanto pelo que faz quanto pelo que *não* faz, isto é, tanto por suas ações quanto por suas omissões. Manifesto similar se lê no editorial de *Les Temps Modernes*, de outubro de 1945, nas palavras de Sartre: “O escritor está *em situação* com sua época. Cada palavra tem repercussão. Cada silêncio também”.<sup>15</sup>

Entre o intelectual crítico e o revolucionário, entre o compromisso com a verdade e com a política, entre Raymond Aron e Jean-Paul Sartre, dizia a intelectualidade francesa da época que era melhor “estar errado com Sartre que estar certo com Aron”<sup>16</sup> – o que ilustra a polarização marcante desses tempos. Entretanto, n<sup>o</sup> *O século dos intelectuais*, impresso pela primeira vez em Paris,

<sup>13</sup> SAID, Edward. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, *passim*.

<sup>14</sup> ARON, Raymond. *O ópio dos intelectuais*. Brasília: Editora UnB, 1980, p. 183.

<sup>15</sup> WINOCK. *O século dos intelectuais*, p. 518, grifo no original.

<sup>16</sup> GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2012, p. 41.

em 1997, o historiador francês Michel Winock lembra o mal-estar instaurado a partir de janeiro de 1950, quando Sartre e Merleau-Ponty publicaram na revista *Les Temps Modernes* um texto admitindo a existência dos campos soviéticos, mas hesitando *escolher* um alvo de ataque num mea-culpa retórico: afinal, diziam os autores, também existiam campos de concentração gregos e massacres nas colônias francesas...

Tempos depois, Tony Judt (1948-2010) se voltaria ao *passado imperfeito* dos intelectuais franceses dragados pela “fascinação magnética” das ideias comunistas especialmente no pós-guerra até 1956, quando Nikita Khrushchev (1894-1971) fez seu discurso criticando os crimes e os disparates stalinistas. Judt critica a irresponsabilidade de intelectuais como Sartre, Merleau-Ponty, Mauriac, Camus e Beauvoir, ao mesmo tempo incapazes de se integrar e de se afastar dos comunistas, dedicados não a condenar ou a defender os atos de Stalin, mas a justificá-los. Os intelectuais, lembra o historiador britânico, não seriam sequer diferentes dos demais – também têm ambições e carreiras, também querem impressionar e por vezes reverenciar o poder.<sup>17</sup>

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1944), a França se tornou palco privilegiado para os intelectuais. Paris, afinal, ainda era considerada um epicentro cultural, dando repercussão e poder de influência aos pensamentos, feitos e ideias de sua elite intelectual do pós-guerra. Nos séculos XIX e XX, a cidade-luz se tornou abrigo preferencial para os exilados, para os intelectuais deserdados doutros países. No entanto, o olhar da *intelligentsia* francesa migrou para outros horizontes: a União Soviética.

Diante das desilusões desgatilhadas a partir de junho de 1956, quando *Le Monde* publicou o relatório secreto de Khrushchev, revelado meses antes no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, catalisadas depois com a disputa de Suez (outubro de 1956) e a invasão de Budapeste (novembro de 1956), antes com o levante de Berlim (junho de 1953), a morte de Stalin (março de 1953) e a volta de Tito (janeiro de 1953), muitos intelectuais “desertaram”.<sup>18</sup> Assim, no fim da década de 1960, os intelectuais franceses novamente precisaram virar os olhos para outros horizontes, não mais a Europa, não mais a União Soviética. Após a independência da Argélia (julho de 1962), a luta contra o colonialismo tornou-se a luta contra o imperialismo a favor do Terceiro Mundo – “a jovem república Argentina, a Cuba de Fidel Castro e, em seguida, o Vietnã substituem a União Soviética nos corações”.<sup>19</sup> No paralelo,

---

<sup>17</sup> JUDT, Tony. *Passado imperfeito: um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 208-209.

<sup>18</sup> WINOCK. *O século dos intelectuais*, p. 649-659; JUDT. *Passado imperfeito*, p. 382.

<sup>19</sup> \_\_\_\_\_. *O século dos intelectuais*, p. 714.

acontecimentos como a prisão de Régis Debray na Bolívia (1967) e a morte de Che Guevara (1967). A política, pois, não gravitava mais na órbita francesa, mas alhures: “Os novos militantes voltam os olhos para o Vietnã e para a América Latina”.<sup>20</sup>

Do outro lado do Atlântico, a América Latina. Enquanto Michel Winock fragmenta sua história dos intelectuais franceses em três momentos-chave (Maurice Barrès, Andres Gide e Jean-Paul Sartre) no século XX, o historiador argentino Carlos Altamirano não vê possível marcação temporal similar para a história dos intelectuais na América Latina – apesar de destacar nomes importantes como Octavio Paz (1914-1998), José Carlos Mariátegui (1894-1930) e José Ingenieros (1877-1925). Diante da impossibilidade de indicar intelectuais como protagonistas absolutos a simbolizar diferentes momentos do século passado, Altamirano diz que os intelectuais latino-americanos se dedicaram predominantemente a causas nacionais, sem um epicentro intelectual como foi a *axis mundi* Paris.<sup>21</sup>

No início do século XX, as nações latino-americanas viviam seus tempos de *belle époque* e de acelerado crescimento econômico, uma vez incorporadas à economia internacional como produtoras de matérias-primas e receptoras de capitais e inovações tecnológicas – o que impulsionou novo dinamismo nas sociedades e ritmo nas cidades. Paulatinamente, a atividade política se profissionalizou, os escritores se especializaram e, ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, foram se delineando os contornos do campo intelectual latino-americano, em torno de cafés, redações, revistas.

O historiador francês François Dosse demarca na América Latina um bom terreno de transferência cultural do modelo de intelectual inspirado no *affaire* Dreyfus – um intelectual comprometido, com papel maior no fenômeno de *hibridização* da cultura europeia das luzes com as culturas autóctones.<sup>22</sup>

Outro historiador francês e latino-americanista, Olivier Compagnon considera que, nas primeiras décadas do século XX, a América Latina passou por uma profunda mudança intelectual, marcada por uma crise de identidade e por reflexões renovadas sobre o destino das nações. Para Compagnon, o impacto da Primeira Guerra Mundial na intelectualidade latino-americana se verteu numa inquietação identitária muito forte, contexto agravado ainda com as celebrações dos centenários de suas independências. Se antes a Europa, sobretudo a França,

---

<sup>20</sup> WINOCK. *O século dos intelectuais*, p. 715.

<sup>21</sup> ALTAMIRANO, Carlos. *Historia de los intelectuales en América Latina: los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 11.

<sup>22</sup> DOSSE, François. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valencia: Universitat de Valencia, 2007, p. 86.

representava um modelo de civilização, um ideal, uma luz para as nações latino-americanas, após o conflito, os intelectuais latino-americanos passaram a mirá-la como um desmoronamento da razão, uma desilusão europeia, um desencantamento do *velho* mundo – e passaram a olhar para dentro, para as discussões, literárias e políticas, sobre suas próprias identidades nacionais<sup>23</sup> – discussões feitas, nas décadas de 1920 e 1930, na esteira do desenvolvimento da imprensa, das revistas culturais, como *Martín Fierro* (1924), *Amauta* de José Carlos Mariátegui (1926) e *Sur* de Victoria Ocampo (1931), das vanguardas modernistas e da valorização das culturas populares sintonizadas num *redescobrimento* latino-americano.

Ao abordar a questão nacional na intelectualidade latino-americana na década de 1920, a historiadora argentina Patricia Funes assinala como o antiimperialismo cruzou o pensamento sócio-político latino-americano na época, marcando uma das características mais expressivas das reflexões regionais no século XX, nos ensaios de José Vasconcelos (1882-1959), Leopoldo Lugones (1874-1938) e Ricardo Rojas (1882-1957), entre muitos outros – diante da expansão norte-americana e, como diria Olivier Compagnon, do *adeus* europeu no pós-guerra. Era o momento de pensar e *salvar* a nação. Para Funes, o imperialismo se tornou alvo teórico e ideológico, nas suas raízes econômica e política, de tal sorte que as oposições oligarquia/imperialismo *versus* povo/nação, consolidadas na década de 1920, entre o pós-guerra (1919) e a crise capitalista (1929), dominariam a cultura política latino-americana nas décadas de 1930 e 1940.<sup>24</sup>

Se no século XIX e nos primeiros passos do século XX, a cultura europeia, sobretudo francesa, marcava presença notável nos países latino-americanos, como modelo relacionado às ideias de progresso e de civilização, a década de 1930 viria a distanciar esses imaginários culturais e políticos ultramarinos. Por muito tempo, a cultura francesa simbolizou um farol republicano, um modelo cultural e político de democracia liberal a inspirar as elites de outras nações – um modelo que, a partir da década de 1930, passaria por uma forte crise de legitimidade. A declaração da guerra *total* ricocheteou como uma derrota moral do modelo francês – à guerra se impregnava a ideia de barbárie, muito distante da ideia de civilização. Assim, o historiador francês Denis Rolland destaca dois movimentos nesse fluxo histórico: no século XIX, a França era vista

---

<sup>23</sup> COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. São Paulo: Rocco, 2014, p. 219.

<sup>24</sup> FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p. 205.

da América Latina como o país cultural por excelência – na sua expressão, um “conservatório cultural”; no século XX, a América Latina passa a ser vista como um “laboratório cultural”.<sup>25</sup>

Assim, de volta ao século XX, enquanto dois mundos se polarizavam após a Segunda Guerra Mundial, África, Ásia e América Latina passaram a surfar uma onda revolucionária que, para muitos, poderia se revelar a força motriz para a revolução mundial. Era a ascensão de um Terceiro Mundo, que pretendia intervir politicamente, sem se aliar aos Estados Unidos ou a União Soviética, contexto que se marcaria posteriormente por Cuba (1959), a descolonização africana e a resistência vietnamita. Ao destrinchar o papel dos escritores-intelectuais nas revistas diversas político-culturais latino-americanas nas décadas de 1960 e 1970, como as argentinas *El Grillo de Papel* (1959) e *El Escarabajo de Oro* (1961), as cubanas *Casa de las Américas* (1960) e *El Caimán Barbudo* (1966) e as mexicanas *Cuadernos Americanos* (1942) e *Siempre!* (1953), a historiadora argentina Claudia Gilman considera que as discussões intelectuais e políticas se marcaram pela recusa a toda postura colonial e imperialista, consolidando-se, ademais, a convicção de que os rumos históricos mudavam de horizonte – e as expectativas sobre as possibilidades revolucionárias se voltavam ao Terceiro Mundo. Diante desse protagonismo terceiro-mundista, intelectuais latino-americanos, ainda catapultados internacionalmente com o *boom* da literatura latino-americana com Gabriel García Márquez (1927-2014), Mario Vargas Llosa (1936-), Julio Cortázar (1914-1984), Carlos Fuentes (1928-2012), Alejo Carpentier (1904-1980) e Ángel Rama (1926-1983), entre outros, manifestavam a convicção de que poderiam – e que deveriam – personificar uma das principais forças para a transformação radical da sociedade. Aos olhos do poder constituído, os escritores-intelectuais latino-americanos passaram a ser vistos como agitadores, subversivos, utópicos.<sup>26</sup>

Entre o intelectual comprometido e o intelectual revolucionário, entre a pluma e o fuzil, a intelectualidade latino-americana viveu outro momento de inflexão a partir da década de 1960, que cimentaram as tais expectativas sobre a revolução mundial com os golpes militares perpetrados no território latino-americano – como no Brasil (1964), na Argentina (1976), no Chile (1973) e no Uruguai (1973).

---

<sup>25</sup> ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina: cultura, política e identidade*. Brasília: Editora UnB, 2005, p. 466-467.

<sup>26</sup> GILMAN. *Entre la pluma y el fusil*, p. 59-61.

Após os nebulosos tempos das ditaduras militares <sup>27</sup>, enquanto a América Latina voltava passo a passo a trilhar seus caminhos nas redemocratizações nas décadas de 1980 e 1990, outros rumos assolavam as expectativas da esquerda mundo afora – a derrocada do muro de Berlim (1989), a dissolução da União Soviética (1991) e a consolidação das políticas neoliberais nos anos seguintes. Questiono se, na virada do século XX para o século XXI, os intelectuais voltariam, mais uma vez, o olhar a outros horizontes: de volta à América Latina, marcada por um *giro a la izquierda* com a conquista do poder por políticos, líderes e movimentos marcadamente identificados com posições antineoliberais, ancorados em tradições socialistas e socialdemocratas, à esquerda ou centro-esquerda no espectro político <sup>28</sup> – certamente lembrando seus diferentes matizes e singularidades na realidade regional –, nas vitórias nos pleitos presidenciais de Hugo Chávez na Venezuela (1998), Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2002), Néstor Kirchner na Argentina (2003), Evo Morales na Bolívia (2005), Michelle Bachelet no Chile (2005), Rafael Correa no Equador (2006), Tabaré Vázquez e José Pepe Mujica no Uruguai (2004 e 2009, respectivamente). Noutros tempos interrompido por sombrias ditaduras militares, o protagonismo latino-americano voltaria revigorado na alvorecer do novo século aos olhos dos intelectuais e das esquerdas? Cruzar França e América Latina para compreender o papel dos intelectuais imbricados no *Monde Diplomatique* implica considerar questões de tal ordem no contexto contemporâneo.

É neste contexto de *giro a la izquierda*, como quer Aguirre, <sup>29</sup> que se insere a análise sobre o papel dos intelectuais a partir da perspectiva dos intelectuais integrantes das redações de *Le Monde Diplomatique*, na França e na Argentina. Diante da inclinação à esquerda e da manifesta simpatia de tais intelectuais aos novos governos, considerados de esquerda e de centro-esquerda, na América Latina neste início do século XXI, qual é o peso da questão da independência intelectual para os editores franceses e argentinos?

### Entre intelectuais e imprensa

O historiador francês Jean-François Sirinelli destaca o caráter polissêmico da ideia de “intelectual”. No entanto, pondera: a definição de intelectual pode ser *variável*, de acordo com a

---

<sup>27</sup> Há, vale dizer, uma riquíssima literatura sobre a história das ditaduras militares latino-americanas, nos seus contextos, contornos e confrontos, valiosa na revelação das violações aos direitos humanos, na reflexão sobre o “legado” autoritário residual nas sociedades pós-ditaduras, na crítica à censura na imprensa, na análise das manifestações culturais da época, entre muitas outras perspectivas sobre o período no Brasil e na América Latina. Voltarei, noutros momentos, à questão da ditadura e da política na Argentina.

<sup>28</sup> AGUIRRE, Carlos. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina*. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009.

<sup>29</sup> AGUIRRE. *Militantes, intelectuales y revolucionários*.

época e o contexto histórico, mas é baseada em *invariantes*. Ilustra Sirinelli que, enquanto mediadores culturais, os intelectuais podem se reunir num núcleo duro mais estreito, como o setor de uma universidade e a redação de uma revista. Às revistas, um olhar francês:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subentendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são, aliás, um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, a revista é, antes de tudo, um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.<sup>30</sup>

Ao redor das tradições das revistas latino-americanas, um olhar argentino:

As revistas culturais têm sido tradicionalmente uma frente para a história das ideias e a história da literatura. Através delas é possível estudar as direções e as batalhas do pensamento nas sociedades modernas e fazer o mapa das linhas de sensibilidade de uma cultura em um determinado momento. Entretanto, as revistas são também uma forma de agrupamento e de organização da *intelligentsia* e uma história dos intelectuais não poderia esquecê-las [...].<sup>31</sup>

Crítica literária e socióloga argentina, Beatriz Sarlo também mira o papel que tiveram as revistas para os intelectuais latino-americanos. Por sua intencionalidade política, aposta nas revistas como lugar privilegiado para pensar o presente que pretendiam transformar.<sup>32</sup> Nessa ótica, as revistas são, portanto, palco de batalhas estéticas, ideológicas e políticas – um convite a assistir, analisar e criticar os projetos e as atividades intelectuais.

Observatório de primeira ordem, portanto, as revistas – sobretudo as revistas literárias e políticas – podem compor um *locus* privilegiado para a investigação do papel *de facto* dos intelectuais e dos movimentos das ideias, pois a imprensa pode se revelar terreno fértil para as discussões políticas, enquanto mediador de ideias na esfera dos debates culturais, estéticos, estilísticos, intelectuais, ideológicos e políticos de nosso tempo.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In. RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 249.

<sup>31</sup> ALTAMINARO. *Historia de los intelectuales en América Latina*, p. 19.

<sup>32</sup> SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, artes e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 2005.

<sup>33</sup> No Brasil, diversos estudos abordaram a imprensa como documento e como fonte principal para o historiador. Há uma relevante bibliografia sobre a imprensa alternativa (uma impressionante experiência nacional nos tempos da ditadura civil-militar, com símbolos como *Pasquim*, *Pif Paf* e *Movimento*), sobre a imprensa tradicional (com questionamentos sobre as posições editoriais e políticas de “jornalões” como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*) e sobre as revistas político-culturais (não só nacionais, mas principalmente latino-americanas, como *Lunes*, *Martín Fierro*, *Sur*, entre outras). Entre outros, exemplos emblemáticos se encontram nas dissertações de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Ligia Coelho Prado, publicadas no livro *O bravo matutino: imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo (1980)*; de Maria Aparecida de Aquino, versada no livro *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): O Estado de S.*

Diante de tais considerações, *Le Monde Diplomatique* é uma revista que nos convida a pensar as relações entre intelectuais e o mundo contemporâneo. É um magazine voltado para discussões sobre a política internacional, com artigos assinados principalmente por intelectuais de diversas nacionalidades. Tanto na matriz francesa quanto nas edições internacionais, os textos são traduzidos, revisados e editados por um pequeno núcleo editorial, composto por profissionais de diferentes formações acadêmicas, incluindo quadros da sociologia, da filosofia e da ciência política. Profissionais que se enquadram, a um só tempo, como jornalistas e como intelectuais. Justifico: são jornalistas, pois trabalham como produtores, editores e difusores de informação. E são intelectuais, pois se posicionam nas discussões de nosso tempo – ou, para reiterar a ideia de Pascal Ory e Jean-François Sirinelli, são seres pensantes e *manifestantes* de um pensamento.<sup>34</sup>

A matriz francesa de *Le Monde Diplomatique* reuniu intelectuais como Anne-Cécile Robert (doutora pelo Institut d'Études Européennes da Université Paris VIII e atual editora das edições internacionais de *Le Monde Diplomatique*), Bernard Cassen (um dos fundadores da Université Paris VIII e um dos idealizadores do Fórum Social Mundial, autor de *Manifeste altermondialiste*), Dominique Vidal (jornalista especializado em questões do Oriente Médio, ex-editor das edições internacionais), Ignacio Ramonet (sociólogo, doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e autor de livros críticos à mídia como *L'explosion du journalisme* e das biografias *Fidel Castro* e *Hugo Chávez*), Maurice Lemoine (jornalista e ex-editor especializado em questões da América Latina), Renaud Lambert (editor especializado em questões da América Latina) e Serge Halimi (diretor de *Le Monde Diplomatique*, cientista político e autor de *Les nouveaux chiens de garde*). A edição argentina, por sua vez, aglutinou intelectuais como Carlos Gabetta (jornalista, ex-diretor de *El Dipló* e autor de *Todos somos subversivos*, entre outros) e Carlos Alfieri (jornalista, filósofo e autor de *Conversaciones*). Tais profissionais não necessariamente contam com formações acadêmicas no campo do jornalismo, mas desempenham papéis de jornalistas e, ao mesmo tempo, de intelectuais.

Neste artigo, busco abordar o que os editores de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina compreendem como o papel dos intelectuais. Busca que se alicerça, principalmente, no

---

Paulo e Movimento (1999); e de Sílvia Mikulin, no *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)* (2003); e nas teses de Bernardo Kucinski, com *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991); e de Beatriz Kushnir, com *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988* (2004). Maria Helena Rolim Capelato ainda assina *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)* (1989) e *Imprensa e história do Brasil* (1988).

<sup>34</sup> ORY; SIRINELLI. *Les intellectuels en France*.

depoimento dos intelectuais franceses e argentinos, documentados durante diversas visitas a Paris e Buenos Aires, tendo a história oral como ferramenta metodológica.<sup>35</sup>

### Aos intelectuais, a palavra

Na Argentina, o ex-diretor Carlos Gabetta,<sup>36</sup> na casa dos 70 anos, respondeu-me à questão provocada a partir do livro *Todos somos subversivos*, escrito na sua juventude entre a ditadura argentina e seu exílio europeu:

Todo intelectual crítico é subversivo, pois ataca ou questiona a ordem estabelecida. Se está mal, é preciso criticar o que está mal. Se está bem é preciso ver o que se pode melhorar mais. Sempre cito uma frase de Marx, quando escreveu *La cuestión judia* [de 1844], um livro muito crítico sobre a questão sendo o próprio autor judeu e neto de rabino. Saiu o livro e a comunidade judaica não sabia o que fazer. Disseram que ele se deixou levar por seu “temperamento passional”. E Marx respondeu: a crítica não é uma paixão da mente, mas a mente da paixão. Para mim, essa consideração deveria valer para todos os intelectuais. É preciso apaixonar-se por uma causa, por uma ideia, mas ao mesmo tempo é preciso estar pronto para ver o que está mal. O que está incorreto. A ideia é melhorar [o mundo].<sup>37</sup>

A editora posiciona *Le Monde Diplomatique* como uma ponte entre um jornal e uma *revien*, um jornalismo *exigente*, na sua expressão, distante do *événementiel*, com mais tempo e mais reflexão. “Uma de nossas preocupações é trazer para o público leitor (leigo) as ideias do mundo acadêmico. E trazer para os intelectuais um pouco do mundo real”, diz Robert.

Nas relações entre intelectuais e jornalistas, um dos relatos mais francos é o do ex-editor Maurice Lemoine, 71, a única fonte que definitivamente não se declara ou não se identifica como um intelectual – e não conjuga, explícita ou implicitamente, como muitos outros companheiros, a fórmula “nós, os intelectuais”. Assim, Lemoine se define como um jornalista, apesar de outros lhe atribuírem a insígnia intelectual. À questão sobre o papel dos intelectuais, uma resposta coloquial, mas franca:

Digo muito sinceramente, não me considero um intelectual. Ademais, o interessante de minha história é que, por vir de uma família muito humilde, eu tinha uma ideia dos intelectuais – descobri esse mundo dos intelectuais, e isso

<sup>35</sup> Cf. FERREIRA, Marieta Moraes de. “História, tempo presente e história oral”. In: *Topoi*. Rio de Janeiro: Revista UFRJ, p. 314-332, dez. 2002. ALBERTI, Verena. “Fontes orais: histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

<sup>36</sup> Carlos Gabetta decidiu sair do *Monde Diplomatique* após desentendimentos com Hugo Sigman, proprietário da editora Capital Intelectual e, portanto, do contrato com a matriz francesa. Segundo Gabetta, Sigman é peronista e muito favorável ao governo de Cristina Kirchner – ao passo que o jornalista faz severas e diversas críticas ao peronismo e a Cristina Kirchner. Este ponto, entretanto, é discussão para outro artigo.

<sup>37</sup> Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

diminuiu um pouco a admiração que eu tinha por esse mundo. Não vou dizer nomes, mas vou contar: me convidaram na Venezuela para um tal grande encontro de intelectuais – desta vez não poderei ir, mas enfim. Quando somos convidados para atos assim, descobrimos que há um monte de intelectuais que passam de hotéis de luxo a hotéis de luxo, discutindo o progressismo na América Latina, e que nunca vão à gente, ao campo, aos bairros. Respeito, mas me incomoda um pouco. Ao ouvi-los, talvez concordamos com uns 75% do que esses intelectuais dizem, mas há 25% totalmente fora da realidade. Além disso, há intelectuais de esquerda, de direita, de tudo. Para mim, acredito que acontece com os intelectuais o mesmo que com os jornalistas: cada um busca um lugar que corresponda a seus sentimentos.

Lemoine se identifica com o papel dos jornalistas que, entretanto, também lhe desperta questionamentos, principalmente em tempos marcados por manipulações midiáticas, *neoliberais* e *atlantistas*, nas suas expressões. Questionamentos que lhe impõem um dilema, um “sentimento de ser um jornalista em guerra com o jornalismo”.<sup>38</sup>

O editor Renaud Lambert, 41, por outro lado, se identifica com o papel dos intelectuais, relacionando-o intimamente à esquerda:

Penso que os intelectuais devem vivificar as ideias, dar força política para que elas se organizem. Não penso que os intelectuais mudam o mundo. Não penso que as ideias mudam o mundo. Mas penso que as ideias dos intelectuais podem participar para mudar o mundo quando as forças sociais se aproveitam delas. Minha ambição, enquanto intelectual... Aliás, nossa ambição no *Monde Diplomatique*, enquanto intelectuais, é disponibilizar, de maneira organizada, as análises e as ideias, relacionadas às soluções, para as forças de esquerda. Susan Watkins, diretora da *New Left Review*, assim descreve o papel da revista – e me parece uma boa definição: dar à esquerda as ideias que a esquerda precisa, se ela existir. Atualmente as forças de esquerdas existem, mas é uma esquerda difusa, não organizada. Não se constituem como força social. Mas espero que elas virão. E quando vierem, espero que elas usem essas ideias à sua disposição. De um lado, esse é o papel dos intelectuais. De outro, é atacar o poder, de todas as suas maneiras. Atualmente, o poder é principalmente econômico, que controla o poder político, a justiça e a mídia. E poucas pessoas podem lutar contra esse poder, sem serem ameaçadas. É difícil para um sindicalista, para um assalariado. Um intelectual tem uma posição específica – e pode lutar contra esse poder. Mas, infelizmente, uma grande parte dos intelectuais serve a esse poder.<sup>39</sup>

O diretor Serge Halimi, 60, também traça um paralelo entre intelectuais e jornalistas, cujos papéis seriam similares: “De compreender e fazer compreender. E de tentar promover uma sociedade mais igualitária, mais justa. E ter uma visão e um conhecimento da sociedade suficiente para saber como articular seu discurso”. E adiciona:

Estamos diante uma situação internacional muito mais indecifrável que o momento da Guerra Fria, uma situação onde as alianças não são determinadas

<sup>38</sup> Maurice Lemoine, em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

<sup>39</sup> Renaud Lambert, em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

de maneira automática em função do alinhamento a tal ou tal bloco, onde os acontecimentos são assistidos de maneira muito espetacular, como na Síria e no Iraque, os Estados Unidos e o Irã que tinham tendência a colaborar e agora mesmo são inimigos. Isso exige estar muito atento ao que acontece – e consagrar o tempo e uma espécie de energia intelectual, ao que a maior parte dos jornais renunciaram, por pensarem, talvez por razões de mercado, que não são questões que interessam a muitos leitores e não são questões que interessam muito aos anunciantes. Então há muitos jornais que dedicam cada vez menos tempo para as questões internacionais, o que torna o mundo muito difícil de compreender pelos leitores. O que os leva a se dedicarem aos acontecimentos mais espetaculares, mas sem uma análise de fundo. Para nós, nosso trabalho é sobre o longo prazo, as sociedades e suas evoluções, progressivas na questão internacional. Dos países do Sul e além. Em outros termos, nós temos o dever de decifrar um mundo cada vez mais indecifrável.<sup>40</sup>

Entre diferentes declarações, há pontos comuns e incomuns a destacar em distintos níveis. Primeiro, a atitude crítica como imperativo para os intelectuais é um ponto essencial de concordância entre os intelectuais envolvidos e envoltos por *Le Monde Diplomatique*, tanto na França quanto na Argentina.

Segundo ponto, a mídia como intermediário entre os intelectuais e a transmissão das ideias, um ponto que suscita diversas discussões. Por um lado, declara-se a necessidade de transmitir ideias, no caminho cruzado dos intelectuais à sociedade, da sociedade aos intelectuais. Por outro, critica-se a mídia *mainstream* e os ditos intelectuais midiáticos.

Terceiro ponto, a independência como palavra-chave para identificar os intelectuais, um ponto que traz diferenças sensíveis entre as definições defendidas por *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina.

Carlos Gabetta argumenta que os intelectuais podem se apaixonar por uma causa e por uma ideia, mas, no seu compromisso, devem estar prontos para criticá-la com independência<sup>41</sup> – o que nos leva aos motivos de seu rompimento com a editora Capital Intelectual e, por conseguinte, com *El Diplo* argentino. Gabetta fez severas críticas à presidente Cristina Kirchner e outros governantes latino-americanos, por ele considerados e interpretados como “populistas”. Segundo Gabetta, Hugo Sigman, proprietário da editora Capital Intelectual que publica *Le Monde Diplomatique* na Argentina, é favorável ao peronismo kirchnerista. Diante do “impasse”, Gabetta deixou a direção da revista.

Maurice Lemoine, por sua vez, não vê a questão da independência nos mesmos termos que Gabetta. Admite que há determinadas críticas a serem feitas a governos latino-americanos

---

<sup>40</sup> Serge Halimi, em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

<sup>41</sup> Carlos Gabetta, em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

como Cuba e Venezuela, quiçá Argentina, mas, por razões conjunturais, argumenta que não é possível fazê-las, para não dar munção ao “outro lado” da trincheira, quer dizer, ao inimigo, à direita. Assim, Lemoine vê o compromisso do intelectual intrinsecamente relacionado com a esquerda, envolvida na luta contra o capitalismo, agora o capitalismo neoliberal. Lemoine identifica claramente duas linhas no *Monde Diplomatique*: uma, de punhos cerrados, comprometida com a “luta”; outra, mais distante, que pretende ouvir e observar, mas não se envolver demais com as questões contemporâneas. De seu lado, lembra:

Era o time de ouro: Ignacio Ramonet, Bernard Cassen e eu. Na realidade, cada um de nós tinha um estilo. Ignacio tinha contato com os “reis” – Fidel Castro, Hugo Chávez –, contato diretamente com a cúpula. Cassen era um ativista dos movimentos sociais, relacionado com Porto Alegre [*e o movimento para o Fórum Social Mundial*]. E eu estava no campo. E nós três formávamos uma equipe muito completa, cada um com sua sensibilidade. E por isso eu acredito, eu digo, e talvez eu me equivoque, que para *Le Monde Diplomatique* houve um período de ouro sobre a América Latina. Estávamos muito envolvidos, sem esquecer o espírito crítico. Além disso, isso é muito importante para explicar o funcionamento de uma equipe como essa, sabendo que há uma adesão permanente do aparato ideológico sobre esses governos. Isso é muito importante. Se tirar isso do contexto, pode dizer que estávamos próximos demais desses governos. Se esquece-se o ataque, a guerra permanente contra Fidel, contra Chávez...<sup>42</sup>

Nos últimos anos, os veteranos Bernard Cassen, Ignacio Ramonet e Maurice Lemoine se aposentaram e saíram de seus postos oficiais no *Monde Diplomatique* francês, abrindo espaço para intelectuais mais jovens como Serge Halimi e Renaud Lambert. As discussões sobre a relação entre intelectuais e a esquerda, porém, continua vibrante na revista.

Edward Said, um dos intelectuais mais valorizados por *Le Monde Diplomatique*, ao lado de Jacques Derrida, Pierre Bourdieu e Régis Debray, dizia que o papel dos intelectuais não poderia se enquadrar num *slogan*, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma político. “Nada deforma mais o desempenho público do intelectual do que os floreios, o silêncio cauteloso, a jactância patriótica e a apostasia retrospectiva acompanhada de auto-dramatização”.<sup>43</sup>

É interessante retornar a Said para discutir as relações entre intelectuais e o poder, especialmente o poder uma vez conquistado pela esquerda. A Said, que recusava atitudes sectárias, tendo contraponto a defesa e a dedicação ao *universalismo* na cultura e na política. Dizia: trata-se da forma como se pretende entrar na história, de braços abertos ou punhos fechados<sup>44</sup> – expressões felizes para ilustrar as linhas presentes entre intelectuais de *Le Monde Diplomatique* que,

---

<sup>42</sup> Maurice Lemoine, em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

<sup>43</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p. 15.

<sup>44</sup> \_\_\_\_\_. *Representações do intelectual*, p. 14.

na verdade, revelam dois posicionamentos nas relações entre intelectuais e o poder protagonizado pela esquerda: um certo distanciamento como observadores ou um compromisso mais forte, mais posicionado de um lado da trincheira na batalha de ideias. Nessa trilha, uma bifurcação: ou *Le Monde Diplomatique* não desconfia *a priori* de uma esquerda que pretende ascender ao poder nas palavras de um francês, ou desconfia dos partidos políticos todos, no *que se vayan todos* na expressão de um argentino?

O impasse evidencia a dúplice tentação que se impõe aos homens de pensamento. No fim d'*O século dos intelectuais*, Michel Winock lembra que os homens não vivem no mundo das ideias puras. “O universo político é prenhe de todos os conflitos, de todos os desejos de onipotência, de todos os ódios e de todos os apetites de poder”.<sup>45</sup> Assim, duas tentações dominariam os intelectuais:

Permanecer no mundo da pureza ideal – que é o da linguagem –, mas com risco de se isolar e perder o contato com o mundo; ou aceitar demasiadamente os imperativos do universo político, escolher seu lado, tornar-se partidário, saber calar ou falar sempre com critério – com risco de não passar, assim, de um auxiliar da política ou um funcionário das esperanças em suspenso – mesmo que seja de um partido de oposição. Pensar a política radicalmente é, com muita frequência, escolher o impossível; mas aceitar a política, tal como se apresenta, requer apenas a aliança entre oradores e experts: onde ficam os homens de pensamento?<sup>46</sup>

Na encruzilhada entre o universo da pureza ideal e o universo político, os intelectuais por vezes preferem outro rumo: o silêncio.

No verão francês de 1983, a discussão sobre o silêncio dos intelectuais despontou dois anos depois que a esquerda, que por muitas décadas encarnara esperanças dos intelectuais, conquistou o poder – a vitória de François Mitterrand. O gatilho para tal discussão foi um artigo do historiador Max Gallo, ministro e porta-voz do governo socialista, impresso nas páginas de *Le Monde*. Vieram as críticas aos intelectuais, calados diante do esquecimento da esquerda em relação ao programa inicial de transformação radical da sociedade francesa, um projeto socialmente audacioso e economicamente antiliberal engavetado. Aos intelectuais, que se encontravam no dilema entre participar episodicamente do poder, como conselheiros do príncipe, ou continuar criticando, a ferro e fogo, todo tipo de poder. “Pode-se, em nome do realismo político, renunciar a uma parte de suas ideias, qualificando-as de ilusões ou de utopias, ou nunca se deve ceder em nenhum princípio, nenhum valor, nenhum ideal, com o risco de perder o poder e, portanto, toda

<sup>45</sup> WINOCK. *O século dos intelectuais*, p. 786-787.

<sup>46</sup> \_\_\_\_\_. *O século dos intelectuais*, p. 786-787.

possibilidade, por menor que seja, de transformar o real?”, interroga o filósofo francês Francis Wolff.<sup>47</sup> Em outras palavras, quem é o intelectual? Um crítico ou aliado do poder? Um idealista ou às vezes apegado ao realismo político?

No Brasil, história semelhante se desenrolou por volta de 2005, três anos após a vitória de Lula, escoltada pela esquerda por simbolizar uma “formidável esperança” no âmbito socioeconômico, uma ruptura – digo eu, como “nunca antes na história deste país”, para lembrar a expressão do ex-presidente – e, diz Wolff, a vitória de um político e de um partido que um dia representaram a aliança entre intelectuais e populares. A esquerda no poder, na França e no Brasil, trilhou caminhos que não condiziam com suas ideias iniciais, mas a diretrizes conservadoras, mostrando fidelidade às instituições financeiras internacionais, realismo econômico, rigor orçamentário. Quanto a nossos intelectuais, ou romperam com o PT ou se asilaram num encastelado silêncio. Ao lado de Lula, outros novos governos latino-americanos luziram, também escoltados por esperanças de intelectuais de esquerda. Diante deles, muitos intelectuais calaram. Mas os silêncios, afinal, falam.

É imprecisa a relação dos intelectuais de *Le Monde Diplomatique* com a ideia de engajamento e envolvimento político. Muitos defendem o papel da revista como uma tribuna livre ou uma instituição independente – e, embora “simpatizante”<sup>48</sup> das revoluções e dos movimentos progressistas, consideram-na distante da militância partidária<sup>49</sup> ou do estilo político panfletário.<sup>50</sup> Para tal ala, *Le Monde Diplomatique* teria corrompido seu papel e perderia sua *raison d'être* se resvasse na política partidária ou no panfleto. Mas é muito tênue a linha entre a independência e a “causa”.

Lembro palavras impressas de Ignacio Ramonet: “*Le Monde Diplomatique* é mais que um jornal, é uma causa... A causa da justiça, da paz, dos povos que procuram sair de sua dependência”.<sup>51</sup> Ao frisar que a “causa” é maior que o magazine, o editor encontra eco entre seus companheiros: *Le Monde Diplomatique* estaria muito vinculado a certos valores, como a justiça e a solidariedade – e as edições internacionais herdariam o DNA do *Monde Diplomatique* francês: a crítica ao imperialismo, ao colonialismo e ao capitalismo neoliberal.<sup>52</sup> Seria, nas expressões de Anne-Cécile Robert, ainda uma mídia hostil à dominação, dos ricos sobre os pobres, dos homens

---

<sup>47</sup> WOLFF, Francis. “Dilemas dos intelectuais”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 45-46.

<sup>48</sup> Bernard Cassen, em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

<sup>49</sup> Carlos Alfieri, em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

<sup>50</sup> Carlos Gabetta, em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

<sup>51</sup> RAMONET, Ignacio. “*Cinquante ans*”. In: *Manière de voir*, Paris, 2004, p. 5-6.

<sup>52</sup> Anne-Cécile Robert, em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

sobre as mulheres. Seria, na perspectiva marxista de Renaud Lambert, por exemplo, um posicionamento, no conflito estrutural entre trabalho e capital, ao lado do trabalho.<sup>53</sup> Seria, afinal, um posicionamento à esquerda.

### Quais esquerdas

A polarização esquerda e direita ainda palpita na política. Para o filósofo italiano Norberto Bobbio, esquerda e direita são termos antitéticos, que denotam o contraste entre ideologias e movimentos a dividir o universo do pensamento e das ações políticas. Não se trata de uma armadilha linguística a travar o debate político, mas palavras cujos usos axiológicos, descritivos e históricos justificam sua ainda argumentação. As expressões não são engessadas, mas marcham com o tempo: “Acrescento apenas uma prova: tornou-se lugar comum afirmar – com tristeza ou alegria, segundo quem afirma – que a esquerda passou a praticar a política da direita. Tal afirmação não teria nenhum sentido se ‘direita’ e ‘esquerda’ tivessem se transformado em palavras vãs e vazias”.<sup>54</sup>

Se as definições de intelectual não são uníssonas, as definições de esquerda para os intelectuais de *Le Monde Diplomatique* são, no mínimo, dissonantes. No amplo arco de definições de esquerda, diferentes visões marcam a *manière de voir* proposta por *Le Monde Diplomatique*. Há discordâncias, inclusive, sobre a definição declarada de *Le Monde Diplomatique* como uma revista “de esquerda”.

Entre os argentinos, Carlos Alfieri e Carlos Gabetta se afinam. Alfieri considera *El Díplo* um periódico “claramente” de esquerda, de tendência progressista e crítica. Gabetta, por sua vez, define linha editorial da revista como um *republicanismo de izquierda*, “do centro-esquerda à esquerda mais radical, mas sempre muito democrática”. Um *republicanismo de izquierda* que estaria relacionado à Revolução Francesa:

Uma república consiste em dizer se todos podemos ter jornais, se todos podemos nos educar, se todos podemos opinar e se todos podemos votar. Isto é, liberdade política. Os direitos humanos e políticos. A esquerda entende os direitos humanos como econômicos, políticos e sociais. Uma república de esquerda seria uma república que, preservando o critério da divisão dos poderes, avance nas liberdades políticas e na igualdade de direitos econômicos, políticos e sociais. É preciso reduzir as desigualdades ao seu nível mínimo. Assim compreendo a ideia de republicanismo de esquerda.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

<sup>54</sup> BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 150.

<sup>55</sup> Carlos Gabetta, em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

Entre os franceses, Serge Halimi pondera a respeito da linha do *Monde Diplomatique*. Lembra o editor que a linha editorial não se impôs do dia para a noite, mas foi gradualmente firmada, acompanhando os acontecimentos e as evoluções ideológicas. Para Halimi, *Le Monde Diplomatique* não se restringiria a um polo político: seus editores estão à esquerda, seus escritores estão à esquerda, seus leitores majoritariamente estão à esquerda, mas a revista não se reservaria à esquerda. E o que é ser de esquerda atualmente?

Bom, isso é uma outra questão... Não é uma questão que nós nos fazemos, porque nós não nos definimos como um jornal de esquerda. Ainda que a maior parte de nosso conteúdo pode ser identificado como de esquerda, os autores de esquerda, os leitores de esquerda, mas quando nós escrevemos um artigo, quando nós refletimos sobre uma questão internacional, em nenhum momento nós dizemos qual é a posição de esquerda a respeito. Mas é uma posição que corresponde aos princípios, aos valores, à história do *Monde Diplomatique*. E que é ainda a posição que nos permite compreender o que acontece.<sup>56</sup>

Enquanto Vidal identifica *Le Monde Diplomatique* “certamente” à esquerda, como anticapitalista, altermundialista e terceiro-mundista<sup>57</sup>, Cassen certifica que nunca é versada a palavra “esquerda” para definir *Le Monde Diplomatique*. Para Vidal, estar à esquerda significa ser hostil à sociedade capitalista e suas injustiças, ser hostil às políticas imperialistas e, ao mesmo tempo, buscar alternativas – isto é, arremata, significa estar relacionado às ideias de justiça e de igualdade. Cassen, por outro lado, descarta a expressão “esquerda” por considerá-la redutora:

Primeiramente, as categorias “esquerda” e “direita” estão longe de estar estabilizadas, sobretudo atualmente. Se Manuel Valls se diz de esquerda... Quer dizer, se Manuel Valls é de esquerda, todo mundo pode ser [risos]. É um termo político parlamentar, a esquerda, o centro, a direita. Portanto, nunca usamos essa palavra para nos qualificar. Somos todos de esquerda, mas o jornal não é um jornal de esquerda. Primeiramente, é um jornal – não é um partido. Há pontos de vista que podem ser ligeiramente diferentes, não concordamos sobre tudo. Há desacordos entre nós, por exemplo, sobre o secularismo, sobre o véu [islâmico]. Mas são desacordos que não nos impedem de trabalhar juntos. Não é uma linha de partido, mas todos temos sensibilidade de esquerda. Mas o jornal não é de esquerda. Precisa ter essa independência para inclusive criticar a esquerda. Há muitos artigos no *Monde Diplomatique* que são muito críticos da esquerda, ainda que, como disse, não sabemos direito o que isso quer dizer.<sup>58</sup>

Cassen compreende a esquerda como um marco linguístico definido a partir da Revolução Francesa. Na França, considera que, por muito tempo, as polaridades eram claras com o bloco conservador e o bloco progressista, donde a esquerda era encarnada principalmente pelo

<sup>56</sup> Serge Halimi, em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

<sup>57</sup> Dominique Vidal, em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

<sup>58</sup> Bernard Cassen, em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

Partido Socialista e pelo Partido Comunista, mas se interroga sobre a existência da esquerda sequer em tempos de fronteiras esfumaçadas:

Após o declínio do Partido Comunista, onde está a esquerda atualmente? Se a esquerda é a social democracia, nós vemos que a social democracia está num impasse total, fazendo a política que fazia a direita e pior. E se a direita tomar o poder fará ainda pior. É um espetáculo desolador. Há um artigo no *Monde Diplomatique*, de setembro ou de outubro [de 2014], de Frédéric Lordon, um autor importante, que diz que a esquerda é a resistência à hegemonia do capital. É uma definição sucinta. Se tomarmos essa definição, o Partido Socialista não é de esquerda. Para qualificar a esquerda, podemos dizer a esquerda radical ou a esquerda de esquerda, encarnada na França por Front de Gauche, o PC, o PG. Mas as fronteiras são terrivelmente esfumaçadas. Se tomarmos a definição a partir do capital, a esquerda não tem muito espaço eleitoralmente. É para mudar. Desse ponto de vista, *Le Monde Diplomatique* faz parte da esquerda da esquerda.<sup>59</sup>

Bernard Cassen se refere a um artigo do economista Frédéric Lordon publicado na edição de setembro de 2014, cujo escopo era: a esquerda não pode morrer. Partindo da política francesa, Lordon critica os absurdos e as toxinas destiladas no debate público, por especialistas e editorialistas – e o mais tóxico seria a afirmação, com gravidade profética, do fim das categorias “direita” e “esquerda” e, assim, a superação definitiva de sua antinomia política. Critica ainda a remarcação da desconcertante proximidade no discurso “nem direita, nem esquerda” da extrema direita, e no discurso da superação das diferenças entre direita e esquerda, do extremo centro. Diz Lordon:

[A esquerda] é uma ideia. Igualdade e democracia real, *voilà* a ideia que é a esquerda. E é preciso estar cego, intoxicado ou depressivo para se deixar acreditar que essa ideia é passado: não só ela não parou de produzir seus efeitos, como, na verdade, ela só começou. Em suma, ela ainda está inteiramente a entrar na realidade. Restabelecer a polaridade direita-esquerda, contra o veneno da negação, supõe agora esclarecer novamente o que a esquerda significa para circunstanciar um pouco mais precisamente a ideia que ela é em tempos de capitalismo globalizado. Agora essa circunstância se inscreve numa declaração bastante simples: a igualdade e a democracia real não podem ser realizadas se a sociedade é subordinada à influência sem limites do capital – compreendido como uma lógica social e como um grupo de interesse.<sup>60</sup>

Anne-Cécile Robert, por sua vez, questiona se a discussão direita versus esquerda ainda é relevante atualmente. Vê *Le Monde Diplomatique* como uma revista de *free-minders*, radicalmente opostos à toda sorte de dominação, de ricos sobre pobres, de brancos sobre negros, de homens sobre mulheres, e assim por diante. “Se isso quer dizer *left-wing*, então, sim, estamos à esquerda”.

<sup>59</sup> Serge Halimi, em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

<sup>60</sup> LORDON, Frédéric. “La gauche ne peut pas mourir”. *Le Monde Diplomatique*, Paris, set. 2014, p. 18-19.

Na mesma linha de Cassen, Robert considera que seria redutor rotular *Le Monde Diplomatique* unicamente como uma revista de esquerda. “É, antes de tudo, um jornal social, de crítica e de liberdade de pensamento. Um jornal muito ligado a certos valores, como a justiça e a solidariedade. Que são, efetivamente, valores de esquerda. Mas que, a meu ver, são maiores que isso”. Lembra ainda que *Le Monde Diplomatique* não é ligado a partidos políticos. “Sempre foi um jornal independente”.

Já Renaud Lambert mescla argumentos de seus companheiros no *Monde Diplomatique* francês. Por um lado, dispõe a revista “indubitavelmente” à esquerda, por posicionar-se, no conflito estrutural entre trabalho e capital, ao lado do trabalho. Por outro, propõe não reduzir a discussão a tais termos:

*Le Monde Diplomatique* não é um jornal de esquerda num horizonte geral onde certos jornais seriam de direita, mas a maioria seria neutra. Não acredito na neutralidade de uma publicação impressa. Parece-me que todos os jornais apresentam *parti pris* e ideologias, que defendem mais ou menos abertamente. Nesse contexto, onde todos os órgãos de imprensa defendem uma visão muito marcada do mundo, *Le Monde Diplomatique* tem a sua visão de um mundo em que a questão econômica pesa, a estrutura econômica e social pesa. É uma visão que poucos órgãos de imprensa defendem atualmente na França.<sup>61</sup>

Por um lado, Lambert posiciona *Le Monde Diplomatique* à esquerda da esquerda francesa, tal como Cassen – uma questão, na realidade, que ultrapassa o simples e complexo posicionamento do *Monde Diplomatique*: “Se você considerar que o Partido Socialista é a esquerda na França, *Le Monde Diplomatique* está mais à esquerda que o Partido Socialista. Pierre Bourdieu dizia que há uma esquerda da esquerda. Na minha visão, *Le Monde Diplomatique* representa uma esquerda da esquerda”. Porém, Lambert considera que a revista tenta se desviar de qualquer *gauchisme*, não desconfiando *a priori* de “uma esquerda que queira ascender ao poder para mudar o mundo”. Por outro lado, diametralmente diferente de Bernard Cassen e Anne-Cécile Robert, Lambert considera importante a distinção entre direita e esquerda atualmente:

Primeiro, a ideia de que não há mais diferença remete à ideia do “fim da história”, do “fim das ideologias”. Parece-me que quem defende que não há mais diferença entre direita e esquerda se inscreve numa tradição não de esquerda, numa visão liberal do ultrapassar das ideologias. Parece-me que ainda é uma diferença muito importante entre direita e esquerda, no plano econômico mas também no plano social. Uma segunda razão: acredito que, no vocabulário atual, é essa diferença que permite mobilizar a população – e direita e esquerda são ainda palavras carregadas de história e de sentido. São, portanto, palavras úteis.<sup>62</sup>

<sup>61</sup> Renaud Lambert, em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

<sup>62</sup> Renaud Lambert, em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

Maurice Lemoine, por fim, mira mais longe ao refletir sobre a esquerda contemporânea: “Na França? Bom, nós no *Monde Diplomatique* consideramos que, atualmente, a esquerda está na América Latina. Com seus defeitos e seus erros, mas, sim, a esquerda está por lá”. Uma esquerda latino-americana que, não é demais lembrar, passou por diversas transformações e momentos-chaves, como a Revolução Cubana e a vitória de Salvador Allende, até as conquistas recentes de líderes tão diferentes quanto Evo Morales e Pepe Mujica. A história da esquerda na América Latina é plural, abrigando um colorido arco de movimentos antiimperialistas, comunistas, nacionalistas, socialdemocratas, guerrilheiros, indígenas, estudantis, feministas e muitos outros.

Mas se, como diz Norberto Bobbio<sup>63</sup>, entre o preto e o branco há o cinza, vale focar os diferentes tons presentes e possíveis num só ponto: a esquerda. Assim, é possível afirmar que diferentes sensibilidades de esquerda se matizam entre os intelectuais e jornalistas de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina. Nada, afinal, é simplesmente preto no branco.

### Considerações finais

*Le Monde Diplomatique* e suas edições internacionais pretendem ensaiar, historicizar, manifestar, posicionar, provocar, refletir sobre a atualidade – assim o magazine compreende o papel dos intelectuais. Muitos intelectuais se tornaram *habitués* nessas páginas “diplomáticas”, revistados, elogiados e criticados, quer como autores, quer como fontes e referências. Entretanto, há diferentes posições de seus intelectuais individualmente, franceses e argentinos, a respeito da independência do intelectual (especialmente em relação a movimentos sociais e lideranças políticas). Além disso, há diferentes sensibilidades a respeito do que é a esquerda contemporânea (e qual é o papel dos intelectuais ao lado dela).

Considero, com Pascal Ory e Jean-François Sirinelli, que os intelectuais, na verdade, não se definem pelo que *são*, uma profissão ou uma titulação, mas pelo que *fazem*, isto é, pelas suas intervenções manifestadas no debate político. E, com Norberto Bobbio, considero que a distinção entre esquerda e direita não só é legítima, mas desperta, como vimos, diversas discussões ideológicas. A partir de tais alicerces, é possível afirmar que os editores franceses e argentinos de *Le Monde Diplomatique*, a um só tempo desempenhando funções de jornalistas (por ofício) e de intelectuais (por manifesto), acabam por diluir as fronteiras entre o papel dos jornalistas e dos intelectuais. Além disso, os editores, embora declaradamente simpáticos à ideia

---

<sup>63</sup> BOBBIO. *Direita e esquerda*, p. 54.

de esquerda, acabam por discordar sobre a designação declarada de *Le Monde Diplomatique* como uma imprensa de esquerda.

Busquei, nestas páginas, indicar como uma revista de inclinação editorial demarcada (e internacionalmente famosa) à esquerda, com críticas severas aos rumos do mundo atual nos lemes do neoliberalismo e do imperialismo, é navegada por diferentes tripulantes, com distintos repertórios e diversas posições. Como, aliás, arraigado na história do tempo presente, *Le Monde Diplomatique* evidencia como uma revista é um organismo vivo, feito de sociabilidades e sensibilidades ideológicas, filosóficas e políticas, para lembrar Jean-François Sirinelli. Como, afinal, abrigado ainda na história da imprensa, *Le Monde Diplomatique* é um dos exemplos de observatório de primeira ordem para a investigação do papel dos intelectuais e dos movimentos das ideias que marcam nosso tempo.